

ESTRATÉGIAS



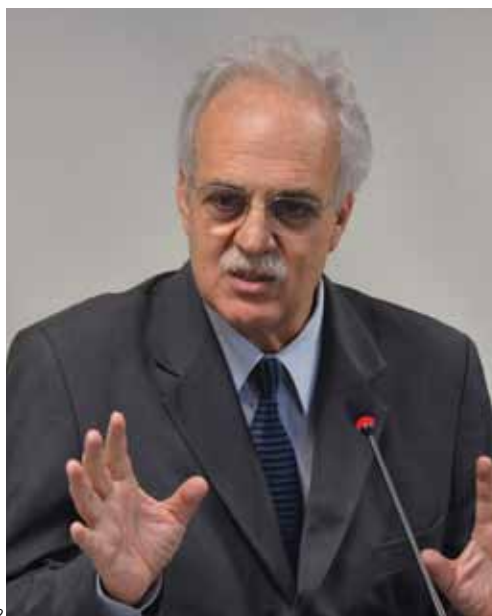
Meu compositor preferido

A escolha de Bob Dylan para o Nobel de Literatura foi recebida com surpresa, mas já se sabia que a obra do compositor servia de inspiração em ambientes muito próximos ao prêmio. Em 2014, uma revista sueca revelou que pesquisadores do Instituto Karolinska, onde é feita a escolha do Nobel de Medicina, divertiram-se durante muito tempo escamoteando trechos de letras de Dylan em seus artigos científicos. A brincadeira começou em 1997, com um *paper* intitulado "Nitric oxide and inflammation: The answer is blowing in the wind". No ano passado, pesquisadores do Karolinska resolveram procurar alusões a canções do compositor em outros periódicos. O resultado rendeu um artigo na revista *TheBMJ*:

foram encontradas 727 referências a letras de Dylan na base de dados de artigos da área médica MedLine, sendo 213 homenagens inequívocas. A primeira aparece em 1970 na revista *The Journal of Practical Nursing*, no artigo "The times they are a-changin'", título de um sucesso de Dylan de 1964. Outros 134 artigos reproduziram o nome dessa música em seus títulos para sugerir que os tempos estavam mudando. "Blowin' in the Wind" (1963) foi a segunda mais citada, com 36 referências. A conclusão dos autores é que o respeito de Dylan pela profissão médica, evidenciado num trecho da música "Don't fall apart on me tonight" em que ele diz "I wish I'd have been a doctor" (Gostaria de ter sido um médico), era recíproco.

Bob Dylan: letras de música homenageadas em artigos científicos

Carlos Nobre: contribuição acadêmica premiada



Clima de reconhecimento

O meteorologista Carlos Nobre, de 65 anos, foi agraciado com o Volvo Environment Prize, que reconhece contribuições científicas notáveis ou inovações no campo do meio ambiente e da sustentabilidade. Mais de duas décadas atrás, ele formulou a hipótese da savanização da Amazônia, entendida como a transformação progressiva da floresta tropical em uma paisagem mais rala, semelhante às savanas africanas, em resposta aos desmatamentos. Nobre foi pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) de 1983 a 2012, onde comandou o Centro de Ciência do Sistema Terrestre e o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos. Foi coordenador do

Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia (LBA) entre 1996 e 2002 e do Programa FAPESP de Pesquisa em Mudanças Climáticas Globais entre 2008 e 2011. Até recentemente, presidiu a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Participou como autor de vários relatórios do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), em particular do Quarto Relatório de Avaliação do IPCC, de 2007. "Mais até que o reconhecimento pessoal, é o reconhecimento da excelência da pesquisa que se faz no Brasil voltada para os estudos climáticos e ambientais, especificamente na Amazônia", disse Nobre ao site do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Ele receberá o prêmio em novembro em uma cerimônia em Estocolmo, na Suécia. O Volvo Environment Prize já foi concedido a economistas, biólogos, urbanistas e físicos – entre os quais dois vencedores do Prêmio Nobel, o químico Mario Molina e o economista Muhammad Yunus. Em 2000, o físico José Goldemberg, presidente da FAPESP, foi o agraciado.

Perdido em Marte

A ambição da Agência Espacial Europeia (ESA) de enviar a Marte dentro de quatro anos um veículo para explorar a superfície do planeta sofreu um revés no dia 19 de outubro, quando o módulo Schiaparelli

reli espatifou-se no solo marciano a mais de 300 quilômetros por hora. Foi a primeira vez que a ESA tentou fazer um pouso em Marte – até hoje, só a Nasa teve sucesso em missões desse tipo. Aparentemente, o Schiaparelli calculou de forma errada sua distância da superfície, livrando-se de um paraquedas e desligando propulsores capazes de atenuar a queda mais cedo do que deveria. O objetivo da viagem era justamente testar a capacidade dos europeus de aterrissar no planeta – o módulo enviaria imagens por menos de uma semana até

esgotar suas baterias. Johann-Dietrich Wörner, diretor-geral da ESA, afirmou que a missão não foi um fracasso. Isso porque a sonda Trace Gas Orbiter, que levava o Schiaparelli, completou sua missão com êxito ao entrar na órbita de Marte, de onde vai analisar a atmosfera do planeta. E também porque o módulo enviou dados suficientes sobre a aterrissagem para mostrar o que deu certo e o que deu errado. O risco da ESA é político: o incidente pode atrapalhar o esforço da agência em obter o dinheiro necessário para a missão a Marte em 2020.



O módulo Schiaparelli durante testes: choque fatal a 300 km por hora

Mulheres invisíveis

Um grupo de 80 neurocientistas, na maioria mulheres, lançou em 2015 uma iniciativa para combater um viés de gênero observado em conferências científicas em seu campo do conhecimento: a baixa proporção de palestrantes do sexo feminino. Batizado de BiasWatchNeuro, o grupo é composto por pesquisadores de Estados Unidos, Alemanha, Austrália, Itália, França e Reino Unido. Já monitorou a programação de mais de 90 conferências e workshops, ao mesmo tempo que mapeou a proporção de mulheres entre os pesquisadores de neurociência. Numa reunião sobre o uso de grandes volumes de

dados em neurociência realizada em setembro, todos os palestrantes eram homens – embora a proporção de mulheres na pesquisa em neurociência computacional seja de 20% nos Estados Unidos. A divulgação dos exageros já começa a produzir efeitos. Num encontro anual de sistemas computacionais e neurociência, o Cosyne, a proporção de mulheres entre palestrantes chegou perto de 40% em 2016 – em 2004, nenhuma mulher fora convidada. Um editorial da revista *Nature* exortou outras áreas do conhecimento a seguirem esse exemplo: “As mulheres cientistas não têm nada a perder, além de sua invisibilidade”.

Uma nova safra de institutos

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) anunciou no dia 26 de outubro os 101 projetos contemplados no novo edital do programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs). O estado de São Paulo terá 33 dos 101 centros. O programa é financiado pelo governo federal, por meio do CNPq, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, da Financiadora de Estudos e Projetos, e por governos estaduais, através de 14 fundações de amparo à pesquisa,

entre as quais a FAPESP. O prazo de financiamento dos projetos é de até seis anos. Entre os INCTs paulistas, 16 terão sede na Universidade de São Paulo, 6 na Universidade Estadual de Campinas, 3 na Universidade Federal de São Carlos, 2 na Universidade Estadual Paulista e 2 no Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais. O Instituto de Pesquisas Tecnológicas, o Instituto Agrônomo de Campinas, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e a Fundação Antônio Prudente abrigarão um instituto cada. A lista de projetos cofinanciados, disponível em by.t.ly/INCT162014, foi definida em reunião entre as instituições no dia 5 de outubro na sede do CNPq. A escolha foi um dos últimos atos da gestão do químico Hernan Chaimovich no órgão. No dia 20, o engenheiro Mário Neto Borges foi nomeado para presidir o CNPq.



O engenheiro Mário Neto Borges: novo presidente do CNPq